

JUSTIÇA CIDADANIA

CONSTITUIÇÃO
PÚBLICA FEDERAL DO BRASIL



MINISTRO LEWANDOWSKI

**RECEBE MEDALHA
TIRADENTES**

Editorial: HOMENAGEM A UM HOMEM DE BEM

PRIMAVERA EM ISRAEL

Luiz Oswaldo Norris Aranha

Engenheiro

“EM NOVEMBRO PRÓXIMO, SERÃO COMEMORADOS OS SESSENTA ANOS DA PARTILHA DA PALESTINA. SERÁ UMA FESTA DOS JUDEUS EM TODO O MUNDO, MAS, EM PARTICULAR, DOS BRASILEIROS, QUE TANTO CONTRIBUÍRAM PARA ESSE RESULTADO.”

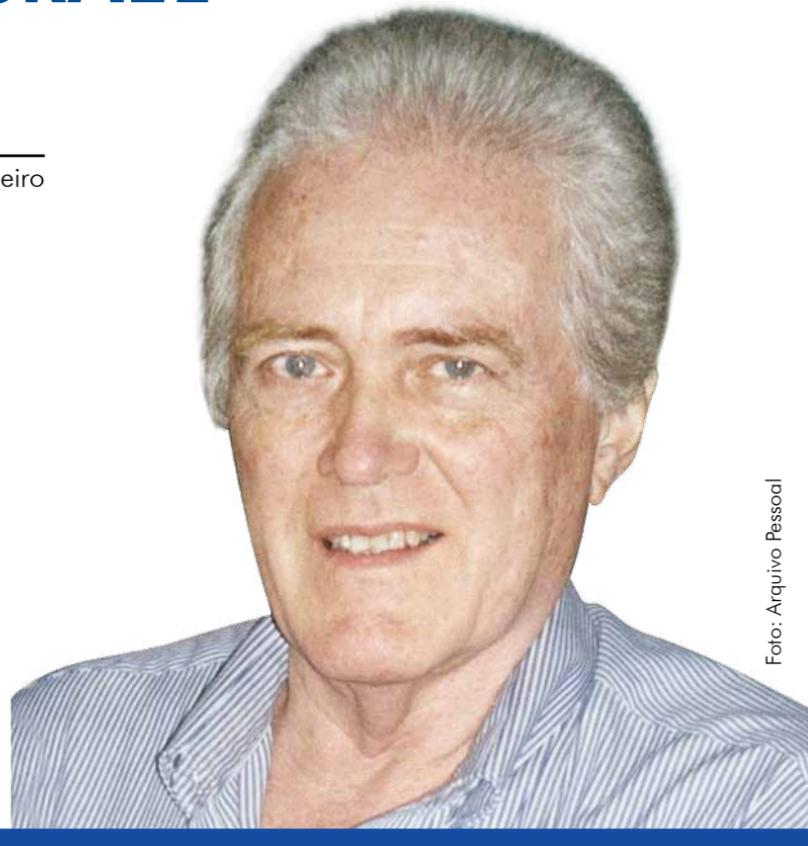


Foto: Arquivo Pessoal

No próximo mês de novembro, completar-se-ão sessenta anos da partilha da Palestina entre árabes e judeus, aprovada pela Organização das Nações Unidas, a partir do que o grande estadista Ben Gurion pode estabelecer como Estado de Israel. Há grande desconhecimento quanto a esse evento, do qual o Brasil participou intensamente e em relação ao qual exerceu destacada liderança, bem como sobre ele são divulgadas versões contraditórias e até polêmicas, gerando-se questionamentos quanto à posição de alguns homens públicos brasileiros.

Na verdade, a história se iniciou anos antes, quando, pela Segunda Guerra Mundial, deu-se o alinhamento do Brasil com os aliados, na contraposição do desejo de muitos de seus dirigentes – sobretudo, alguns militares – que exibiam postura declaradamente germanófila. Afinal, a Alemanha era o berço das mais brilhantes táticas de guerra, gerando natural admiração por parte dos profissionais da área.

O Presidente Getúlio Vargas era apontado como simpatizante da posição germanófila, e seu governo acolhia militares publicamente defensores do alinhamento com a Alemanha, sem falar no Chefe de Polícia Filinto Muller, cujas atividades ficaram registradas na História, de que estaria ligado à época com as prisões que comandou e com a exportação ou deportação da esposa do líder comunista Luiz Carlos Prestes. Há de se considerar, no entanto, que

Vargas trouxe de volta, ao Brasil, Oswaldo Aranha, cujas posições liberais e favoráveis aos aliados eram por demais conhecidas, e o nomeou Ministro das Relações Exteriores. Se o Presidente da República estivesse convicto de que se deveria caminhar ao lado da Alemanha, jamais teria nomeado este nítido adversário dos germanófilos nessa função estratégica. Assim, deve-se pensar que Getúlio Vargas já se colocava, nesse momento, entre aqueles que eram favoráveis aos aliados, embora não o revelasse ostensivamente, dentro de seu espírito de ruminação política, em que procurava pesar as opiniões antes de consagrar as decisões.

A tarefa de Oswaldo Aranha, contudo, não se deu com facilidade. Foi necessário mobilizar grupos liberais e de esquerda, além dos estudantes, para irem às ruas e bradarem pelo alinhamento do Brasil com os aliados. Apesar das injustas acusações que envolvem a questão e da perseguição que Filinto Muller realizava aos democratas, deu-se a abertura brasileira para que os judeus fossem recebidos como refugiados.

Esta posição, aliás, representava o espírito conciliador e aberto em relação aos outros povos que os brasileiros sempre revelaram. Acresce a miscigenação das raças, em que pontificaram no Brasil os cristãos novos, fugidos da perseguição do Marquês de Pombal, em Portugal. Poucos brasileiros não têm sangue judeu, e negar essa realidade seria fugir daquilo de importante que se plantou no País ao longo

do tempo. O fato é que, com a anuência de Getúlio Vargas e a liderança de Oswaldo Aranha, os pracinhas brasileiros foram lutar na Itália contra os países do Eixo, e a atitude do Brasil ficou indelevelmente registrada.

Este posicionamento trouxe a oportunidade para que o Brasil participasse da Organização das Nações Unidas de modo marcante, o que o levou a sempre ser o primeiro país a se manifestar, no momento da anual instalação da Assembléia Geral desse organismo. É evidente que, se houvesse ingressado na guerra, do lado dos alemães, não teria o Brasil assento na ONU, a qual, de início, reunia apenas os aliados e só veio a aceitar a Alemanha e o Japão muito mais tarde.

O encadeamento dos fatos políticos fez com que Oswaldo Aranha apoiasse o Brigadeiro Eduardo Gomes como candidato a Presidente da República e perdesse as eleições para o General Eurico Gaspar Dutra, de postura anteriormente germanófila. Mesmo assim, em 1947, o novo Chefe da Nação indicou Aranha para liderar a delegação brasileira junto às Nações Unidas. É curioso observar esse intrincado desenrolar dos acontecimentos que, se não se dessem desta forma, não permitiriam o desenlace favorável a Israel no debate da partilha do território palestino.

A posição das principais Nações era refratária à criação de um Estado Judeu ou, pelo menos, se mostrava indecisa, sem externar postura favorável e, muito menos, trabalhar por ela. Assim, usando do argumento do rodízio e como Oswaldo Aranha já havia ocupado a Presidência do Organismo, os países poderosos lançaram outro candidato, enquanto o Bloco Soviético também tinha o seu, com três nomes disputando o cargo de Presidente da Assembléia Extraordinária, a qual iria discutir o destino da Palestina.

Demandava-se maioria absoluta de votos entre os participantes da reunião, e diversos escrutínios se realizaram, sem solução. Finalmente, o Bloco Soviético retirou seu postulante, e a disputa fixou-se entre apenas dois nomes, sendo Oswaldo Aranha eleito. Fica a clara imagem de que as Nações mais ricas queriam eleger um personagem que não ajudaria na articulação pró-Israel e, com isto, a decisão histórica possivelmente não se daria.

Os países latino-americanos apoiaram em bloco o nome de Oswaldo Aranha e com ele permaneceram, em favor da criação do Estado de Israel. Entretanto, eram necessários dois terços dos votos e havia a oposição ostensiva de algumas das Nações mais poderosas, além da ambigüidade de outras. Iniciou-se intensa articulação para obter o número de sufrágios favoráveis.

O representante brasileiro atuou com denodo, pois acreditava piamente que era necessário dar de volta aos judeus seu território, não apenas em função da mística histórica que cercava o assunto, mas, sobretudo, diante dos milhares de refugiados que fugiam da Europa após a perseguição nazista e o holocausto. Estes se dirigiam à Palestina, em busca de nova oportunidade de vida, e eram caçados pelos ingleses que apreendiam os navios de transporte e transferiam seus passageiros para campos precários e provisórios no Chipre. A

situação era insustentável e urgia uma solução.

Com muito sacrifício e dedicado trabalho, foram obtidos os dois terços de votos que se faziam necessários para aprovar a proposição da partilha da Palestina. Oswaldo Aranha bateu o martelo, na qualidade de Presidente da Assembléia, martelo este que se encontra guardado no kibutz brasileiro há anos criado em Israel. Muitos pensam que o estadista brasileiro limitou-se a realizar esse ato simbólico. Outros acham que ele teria dado o voto de Minerva, desempatando a disputa. Na verdade, seu valor deu-se pela articulação que realizou, em que, usando de sua habilidade diplomática e de seu charme contagiante, atraiu o voto de países vacilantes.

A lista de votação também se encontra no mesmo local citado acima, no qual judeus que se transferiram do Brasil e que acreditavam na reconstrução do Estado de Israel quiseram manter o registro da importante participação brasileira nesse processo. As coisas não ocorrem por acaso e, embora haja a junção de fatores favoráveis, para o que a explicação transcende o campo material, sem dúvidas, a história explica o que se deu.

Dentro dos planos de Oswaldo Aranha, a trajetória não deveria terminar aí. Preparou também estudo para que se criasse o Estado Palestino, visando abrigar os árabes da região. Esta questão não foi mais abordada, como não o seria a instituição de Israel, se não tivesse se concretizado em novembro de 1947. A seqüela histórica, infelizmente, permaneceu, e os árabes continuam hostilizando os judeus. Estes, apesar de todas as dificuldades, estabeleceram uma Nação, na acepção da palavra, e buscaram crescer sua importância no cenário mundial.

A Primavera de Israel se expressa por esse movimento. Registre-se que, em terras em que anteriormente dominava o deserto, hoje se plantam flores que são exportadas. Há fundamentos históricos, bem como o desejo dos brasileiros, materializado através de Oswaldo Aranha, de contribuir para a paz mundial. Entretanto, se sobressai a força de vontade de um povo que, após sofrer milenares perseguições e o holocausto na Europa, resolveu consolidar sua Nação.

Em novembro próximo, serão comemorados os sessenta anos da partilha da Palestina, o que permitiu que se estabelecesse o Estado de Israel. Será uma festa dos judeus em todo o mundo, mas, em particular, dos brasileiros, que tanto contribuíram para esse resultado. Cabe lembrar que o território verde e amarelo tornou-se continental pela eficaz atuação dos colonizadores portugueses, diferentemente das terras de origem hispânica, que se fragmentaram, criando-se diversos países.

Em Portugal, no entanto, à época do Marquês de Pombal, perseguiram-se quem tinha origem israelita, grande contingente delesse transferindo para o Brasil, transformando-se em cristãos-novos e contribuindo decisivamente para seu desenvolvimento econômico e social, e para a formação de sua raça. Assim, a festa de Israel é também dos brasileiros, por sua participação na criação desse Estado e pelo sangue judeu que corre em suas veias.

NOTA DO EDITOR

O artigo que publicamos de autoria do filho da grande personalidade da história e da política brasileira, que foi o saudoso estadista Ministro Oswaldo Aranha, descreve bem as atitudes e esforços desenvolvidos pelo consagrado e reconhecido criador do Estado de Israel, para a efetivação do acalentado sonho da sua fundação.

O mundo reconhece, e os judeus de todos os rincões do Universo, especialmente em Israel, sabem que, graças às articulações e habilidade diplomática de Oswaldo Aranha, ao conseguir reunir como Presidente da Assembléia Geral da ONU a maioria dos representantes das nações em memorável sessão realizada em 29 de novembro de 1947, foi criada a nação dos judeus: o Estado de Israel

E é em tributo a esse vulto glorioso da história, Ministro Oswaldo Aranha, que dedicou sua vida pública em todos os altos cargos que exerceu com honra, dignidade, coragem, renúncia, desprendimento e determinação a serviço dos interesses maiores da pátria, que nos associamos às efemérides do Estado de Israel, ao mesmo tempo em que prestamos homenagens ao grande brasileiro, com transcrição do louvor que foi prestado pelo também saudoso Tancredo Neves:

OSWALDO ARANHA

REVOLUCIONÁRIO, HERÓI, ESTADISTA.

“Gaúcho autêntico foi Oswaldo Aranha...um gaúcho na nobreza, no cavalheirismo, na bravura, na lealdade, mas, sobretudo, na generosidade... Nunca vi um homem subir tão alto pela coragem, pela bravura indômita e disposição de resistência: toda a alma impetuosa, valente do gaúcho nele acordava... e dos Pampas parecia lhe chegar pelas sopradas do vento a mensagem de sua história: pelear por sina e morrer com glória...”

Oswaldo Aranha foi a mais bela e completa carreira de homem público do Brasil...”

Presidente Tancredo Neves



Foto: Arquivo Família Aranha